



SÃO PAULO

ENSINO SUPERIOR

Fraudes levam faculdades a exigir trabalho com selo de autenticidade

► Algumas instituições chegaram a abolir os projetos escolares que normalmente eram feitos em casa. Outras prevêem ainda punições severas contra o plágio

TIAGO DANTAS

Professores de universidades públicas e privadas estão preocupados com uma onda de fraudes entre os alunos. A incidência de plágio e de furto de trabalhos já faz com que alguns cursos inventassem uma espécie de "selo de autenticidade", uma garantia de que aquele trabalho realmente foi feito pelo estudante que colocou seu nome no cabeçalho.

Os alunos do curso de Arquitetura do Centro Universitário Belas Artes, por exemplo, não podem mais fazer trabalhos práticos em casa e têm de entregar as pesquisas escritas à mão. "Já que não podemos impedir que o aluno utilize a internet, pedimos que ele transcreva tudo e entregue à caneta. É uma garantia de que pelo menos ele leu o que está entregando", explica Turguenev Roberto de Oliveira, coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Belas Artes. Além disso, os projetos só são avaliados se tiverem um visto do professor, uma prova de que foram feitos em sala.

Outras faculdades também se municiam contra as fraudes. Este é o caso da Faculdade Cásper Líbero. "Aqui na Cásper ainda não chegamos a tomar atitudes tão radicais. O que fazemos são apelos aos alunos para que não procedam de forma antiética", diz Wellington Andrade, coordenador do curso de jornalismo da instituição da Capital. Segundo Andrade, o regimento da faculdade prevê penas severas para o plágio, como nota zero no bimestre e suspensão de cinco dias.

Para o advogado Leo Wójcylawski, especialista em direitos autorais, é muito difícil que um caso de plágio ou roubo de trabalho seja levado à Justiça, uma vez que o autor nunca vai ter conhecimento do fato. "Utilizar textos de terceiro, sem dar crédito é uma violação de direito autoral. Mas como o texto não é publicado, é difícil que haja algum tipo de punição", conta o especialista. Segundo ele, as instituições de ensino têm autonomia para aplicar a pena.

Existe uma certa dificuldade para definir o que é plágio, já que nem sempre o aluno faz uma cópia literal do texto original. Muitas vezes o estudante

se inspira nas idéias principais para escrever um texto diferente, ou mantém trechos literais no meio das frases.

"Quando o estudante tenta enganar o professor, ele só quer ganhar a nota, e não percebe que está prejudicando sua formação acadêmica e moral", opina o coordenador do Centro Universitário Belas Artes.

Além de pesquisas copiadas e textos plagiados, trabalhos de outras naturezas também preocupam educadores. Quando fazem uma entrevista, os alunos da Belas Artes precisam entregar fotos para provar que estiveram juntos com o entrevistado.

Segundo a assessoria de imprensa da Universidade de São Paulo (USP), não existe ainda um método aplicado em casos de plágio e de falsificação de trabalhos escolares e acadêmicos. Eles são encaminhados para a Consultoria Jurídica da instituição.



BELAS ARTES: para evitar falsificações, o curso de arquitetura da faculdade proíbe alunos de fazerem trabalhos em casa

VANIA DELPOIO/DIÁRIO

Uma dura lição que não faz parte do currículo

► A estudante Natália Lourenço Coelho, de 18 anos, nunca imaginou que quando voltasse para a sala de aula, depois do intervalo, não encontraria mais o trabalho de psicologia que deixou embaixo da cadeira de uma amiga. "A gente teve que escrever tudo de novo, porque o trabalho sumiu", conta ela, que é aluna do 2º ano de Enfermagem da Unicsul.

Além de ter que refazer o texto, a garota, junto com seu grupo, ainda foi surpreendida com um recado da professora no canto da primeira página da pesquisa. "Ela escreveu que estava muito parecida com a de um outro grupo da sala. É bem possível que tenham roubado a nossa pesquisa e trocado os nomes." A estudante não descobriu quem pegou o seu trabalho de psicologia no terceiro bimestre do ano passado, mas agora toma mais cuidado quando sai para o intervalo.

Aprender a desconfiar foi uma lição que a estudante de jornalismo Cristiane Neves também teve. "Agora, eu não deixo mais trabalho em grupo na mão de ninguém. Eu acompanho, mesmo que não tenha tempo para fazer muita coisa", diz ela.

No ano passado, Cristiane



WHERETHER SANTANA/DIÁRIO

NATÁLIA COELHO: trabalho de psicologia furtado na sala de aula

dividiu os trabalhos que tinha para fazer entre os colegas do seu grupo. Um deles fez o trabalho de Rádio, outro o de Sociologia e outro, o de Inglês. O garoto que deveria fazer a pesquisa de Inglês, "um artigo sobre a Madre Tereza de Calcutá", aproveitou um texto que encontrou em um livro e foi descoberto pela professora. "Ficamos com zero logo no primeiro bimestre. Nunca tinha tirado um zero na minha vida. Fiquei com muita raiva", conta a estudante de 20 anos.

Segundo ela, a professora descobriu a fraude porque desconfiou do vocabulário utilizado no texto, muito acadêmico e cheio de termos que não são empregados comumente.

"O aluno acha que há plágios e plágios e que pode recorrer a eles para tirar vantagem em alguma matéria", diz Wellington Andrade, coordenador de Jornalismo da Cásper Líbero. O fato é que Cristiane e seu grupo tiveram de estudar bastante para recuperar a nota. "Tivemos que fazer muitos trabalhos extras."

entrevista

PROF. VALDIR HEITOR BARZOTTO

'Atitudes são ingênuas'

► O professor Valdir Heitor Barzotto orienta um grupo de pesquisa na USP que trabalha com a originalidade de textos produzidos no meio acadêmico. Barzotto é professor-doutor do Departamento de Educação da USP licenciado em Letras e doutorado em Linguística. Além disso, coordena o seminário Leitura e Produção no Ensino Superior, na Unicamp.

— O que o sr. acha da atitude que algumas faculdades tomaram para evitar o plágio em trabalhos escolares?

— Para mim, essas atitudes são um pouco ingênuas. A foto pode ser montada. Quanto a obrigar que um trabalho seja feito em sala, acredito que faça com que o texto fique mais superficial, porque o aluno não pode pesquisar em fontes novas, nem aprofundar sua pesquisa. Isso limita a produção do aluno a um tipo de trabalho, o de sala de aula. Muito mais eficiente é a formação de grupos de pesquisa com os alunos, com produção mais demorada do que o trabalho para a nota.

— Por que há tantos problemas com cópia?

— Acho que se instaurou uma cultura da cópia. Os alunos se apropriam do que já foi escrito, em vez de produzir um material novo. E, como há aceitação desta cópia, podemos dizer que ela é incentivada nas faculdades. O aluno entrega um trabalho copiado e não acontece nada com ele. Isso é um incentivo.

— Como trabalha o grupo de pesquisa que o sr. orienta?

— Os alunos comparam textos universitários com outras obras. Anotam as semelhanças e notam quanto um é incorporado ao outro. A partir desses dados passamos a refletir sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos e o conhecimento.

— Que tipo de fraudes já foram notadas?

— Nem sempre a pessoa que apresenta um trabalho escrito faz uma cópia literal. Há várias estratégias. Ele pode diluir a idéia de um texto no seu trabalho sem citar a fonte, por exemplo. Às vezes, ele cita a fonte em um trecho do texto, mas copia um outro trecho sem citá-lo novamente. ●

Pesquisas, monografias e artigos podem ser comprados pela internet

QUANTO CUSTA UM TRABALHO UNIVERSITÁRIO	
TCC ou Monografia de Graduação	R\$ 7,00 a R\$ 9,00 a página
TCC ou Monografia de Pós-graduação Lato Sensu	R\$ 8,00 a R\$ 11,00 a página
TCC ou Monografia de Mestrado Stricto Sensu	R\$ 9,00 a R\$ 15,00 a página
Projeto de Pesquisa	R\$ 8,00 a R\$ 15,00 a página
Artigo	R\$ 7,00 a R\$ 15,00 a página

ENTRADA
Costuma-se pedir 50% de entrada, se o trabalho for pedido com um mês de antecedência, o aluno pode parcelar

FORMA DE PAGAMENTO
Alguns sites na internet oferecem várias formas de pagamento como depósito bancário e cartões de crédito

Fonte: sites que oferecem venda de trabalhos TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

► Uma oportunidade de ganhos destinada ao público universitário tem prosperado na internet: a indústria dos trabalhos escolares. Fazendo uma rápida procura em qualquer site de busca, pode-se encontrar uma centena de sites que oferecem pesquisas, artigos e monografias para quem não tem tempo e está disposto a pagar pelo serviço. "Legalmente, não existe nenhum impedimento a essas empresas. A atividade de escrever sob encomenda é perfeitamente lícita, o que não é lícito é o aluno divulgar a autoria de uma obra encomendada como sendo sua", garante o advogado Leo Wójcylawski, especialista em direitos autorais.

O estudante que estiver interessado em contratar esse tipo de serviço tem uma série de opções. Os sites oferecem entrega em domicílio e no prazo; garantia caso o trabalho não seja aprovado; e até uma equipe de professores destinada a elaborar textos inéditos e originais. "O aluno está se enganando desse jeito. Ele perde o estímulo

para ter idéias originais, de autoria dele. E se ele não aprendeu na escola, vai aprender onde?", pergunta a psicóloga Tatiana Dabischa.

Já que o negócio dessas empresas é o comodismo, o estudante pode até escolher se preferir pagar via depósito bancário ou se vai utilizar o cartão de crédito. Uma monografia de 50 páginas, tamanho considerado aceitável para um trabalho de

conclusão de curso, por exemplo, pode custar até R\$ 450,00 (veja quadro nesta página).

"É realmente uma indústria do trabalho escolar, um negócio muito bem organizado", diz Turguenev Roberto de Oliveira, Coordenador do curso de arquitetura e urbanismo da Belas Artes.

Em alguns casos o estudante não precisa nem procurar a empresa na internet. É comum

encontrar anúncios desse tipo de serviço em murais das faculdades de São Paulo. "Na USP mesmo tem um monte. Até no ponto de ônibus tem propagandas desse tipo", conta Fernando Corrêa, 20 anos, aluno do curso de história da USP que disse que nunca usou esse artifício. "Posso até pesquisar alguns textos na internet para ter uma idéia, mas nunca copieie na íntegra."

saiba mais

Síndrome do 'tudo pronto' motiva plágios

► Segundo a psicóloga Tatiana Dabischa, especializada em comportamento, a chave para descobrir porque a incidência de trabalhos falsificados, plagiados ou comprados é grande o suficiente para preocupar coordenadores de cursos universitários está em casa. "Hoje em dia os pais compram a atenção dos filhos.

Como eles não podem ficar em casa porque têm que trabalhar, compram as crianças com brinquedos e presentes", diz. A psicóloga acredita que os pais deveriam acompanhar mais de perto a vida escolar dos seus filhos. Segundo ela, os adolescentes estão com a "síndrome do tudo pronto". "O jovem de hoje tem tudo pronto, na mão. Ele não precisa prestar atenção nas lições da escola porque quando chegar em casa, encontra a matéria

na internet", conta. A maior preocupação da psicóloga, e de todos os educadores, é que esse aluno que não faz os próprios trabalhos vai se formar e se transformar em um profissional incompetente. O coordenador de Arquitetura do Centro Universitário Belas Artes, Turguenev Roberto de Oliveira, faz um alerta: "essa necessidade de levar vantagem sempre precisa ser mudada urgentemente".

